

# VIVENCIANDO A INTEGRAÇÃO DOCENTE-ASSISTENCIAL ATRAVÉS DA PESQUISA

## LIVING THE TEACHING-ASSISTANCE INTEGRATION THROUGH RESEARCH

Angela Tasca<sup>1</sup>  
Eglê Kohlrausch<sup>1</sup>  
Lisiane Paskulin<sup>1</sup>  
Mara Galperim<sup>2</sup>  
Márcia Moschini<sup>3</sup>  
Rosane Pereira<sup>2</sup>  
Rossana Bercini<sup>1</sup>  
Suzana Scaini<sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo trata da experiência de integração entre enfermeiras assistenciais e enfermeiras docentes através da pesquisa, focalizando o significado do cuidado para clientes adultos a nível ambulatorial de um hospital de ensino.

**UNITERMOS:** *integração docente-assistencial; pesquisa.*

### A IDÉIA

Neste artigo descrevemos a experiência de integração Docente-Assistencial (IDA), através da pesquisa, desenvolvida por professoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (EEUFRGS) e enfermeiras do Serviço de Enfermagem em Saúde Pública (SESP) do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), com a participação de uma enfermeira bolsista do CNPq. A forma como a integração vem se desenvolvendo nos motivou a relatá-la. Estamos realizando uma pesquisa sobre o significado do cuidado na perspectiva dos clientes atendidos do Programa de Saúde do Adulto do SESP.

### A INTEGRAÇÃO DOCENTE-ASSISTENCIAL

As experiências que comumente se têm observado sob integração-assistencial falam a respeito do trabalho desenvolvido na área da assistência, onde o profissional de campo<sup>4</sup> divide o local de trabalho com o professor e seus alunos (Laganá, 1986; Sofia et al., 1987; Padilha, 1991). Muitas vezes a vinculação do profissional assistencial com o trabalho desenvolvido pelo professor e acadêmicos é tênue e fragmentado, dificultando esta integração. Padilha (1991) refere

como causa da não integração: filosofia e objetivos divergentes da Escola/Serviço; o docente de enfermagem conhecer a teoria e não ter vivência prática; o enfermeiro assistencial manter-se desatualizado; a Universidade estar distante do compromisso com a sociedade e a IDA ocorrer no sentido vertical.

Percebemos que existem dificuldades para que se operacionalize uma engrenagem de trabalho que funcione de modo harmônico, onde exista continuidade e consistência nas atividades assistenciais desenvolvidas. Acreditamos que alguns motivos para que isso aconteça sejam: a visão tradicionalmente difundida do docente ser o detentor do saber teórico e o enfermeiro de campo o executor de tarefas; a descontinuidade na prestação da assistência; a deficiência na comunicação entre os profissionais e alunos envolvidos e desconhecimento do contexto, tanto interno (instituição), como externo (realidade).

Retomando o conceito de IDA (BRASIL, 1981, p.16), que mesmo tendo sido definido há 14 anos, nos parece atual e abrangente, temos que é a

*"união de esforços em um processo de crescente articulação entre as Instituições de Educação e de Serviços de Saúde adequados às necessidades reais da população, à produção de conhecimentos e à formação de recursos humanos necessários, em um determinado contexto da prática em serviços de saúde e de ensino".*

Sofia et al. (1987) e Coutinho (apud Rodrigues, 1993) reforçam que o objetivo da IDA é proporcionar

1 Enfermeira do SESP do HCPA.

2 Enfermeira professora da EEUFRGS.

3 Enfermeira bolsista de aperfeiçoamento do CNPq.

4 Quando nos referimos a enfermeiro de campo, enfermeira assistencial, queremos dizer enfermeiros empregados nos serviços de saúde.

a formação de profissionais adequados às necessidades de saúde da população e que a relação entre profissionais, alunos e docentes melhora os padrões de assistência nas unidades envolvidas.

Numa tentativa de colocar em prática a IDA, um grupo de estudo (Duarte et al., 1993) composto por professores da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (EEUFRGS) e enfermeiras do HCPA fez uma proposta de revisão da estrutura organizacional e de atividades de ensino/assistência.

Este grupo, numa primeira análise (Duarte et al., 1990, p.56) sobre sua experiência de trabalho, levantou algumas questões sobre ensino, assistência, administração e pesquisa ao fazer o diagnóstico da realidade. Em relação à pesquisa, observaram "a ausência de estímulo e condições para a realização de pesquisa entre os enfermeiros e docentes".

É dentro desta idéia, ou melhor, desta dificuldade, que relatamos nossa experiência, procurando mostrar que fazer pesquisa é possível e que esta pode ser um dos importantes elos para colocarmos em prática a IDA.

## A PESQUISA

Erdmann et al. (1987), ao falarem sobre o ensino e pesquisa em enfermagem em hospitais de ensino, analisaram a interrelação entre as instituições de ensino e saúde, enfermeira assistencial e enfermeiro professor. Colocam que o enfermeiro assistencial não tem preparo para pesquisa, nem orientação e estímulo; o professor não ensina a consumir pesquisa, não faz pesquisa com IDA e ambos não divulgam ou consomem pesquisa. Em relação às instituições, destacam o pouco incentivo à pesquisa na instituição de saúde e o trabalho isolado nas instituições de ensino. Colocam ainda fatores que condicionam esta situação e dentre estes, encontra-se a IDA. Acreditam que através da IDA a pesquisa pode ser um instrumento para a melhora da prática, pois a pesquisa tem sua origem nos problemas vivenciados pelo docente e enfermeiro de campo no cotidiano da instituição de trabalho.

Para enfermeiros assistenciais, fazer pesquisa não é uma atividade rotineira, como realizar o processo de enfermagem, fazer curativos ou administrar a assistência. Realizar pesquisa integrando professores e enfermeiros de campo, partindo do dia a dia vivido na instituição de saúde, é ainda mais incomum. Mesmo entendendo os condicionantes existentes e dificuldades encontradas, vemos que o enfermeiro está acostumado a trabalhar em cima da resolução imediata dos problemas encontrados no dia a dia. Deste modo, não desenvolve o hábito de parar e avaliar criticamente a sua prática. Não costuma também, escrever e divulgar sua experiência, e assim a pesquisa se torna algo distante do seu cotidiano. Acreditamos que a IDA proporciona uma integração do saber entre os profissionais envolvidos

e que, com pesquisa, podemos aprimorar, confirmar e/ou inovar ações de enfermagem, no sentido de experimentar e pensar, de vincular a teoria à prática.

A prática do cotidiano permite uma revisão crítica do saber universitário e a IDA propicia a vivência desta realidade (Oliveira, 1987).

## VIVENCIANDO

O estudo que desenvolvemos foi idealizado por duas professoras da Escola de Enfermagem da UFRGS, dentro da linha de pesquisa na qual já atuam. Como professoras da Escola de Enfermagem, prestam assistência através do atendimento e supervisão de alunos no ambulatório de Saúde do Adulto do HCPA. Neste ambulatório são atendidos clientes em condições crônicas de saúde e que necessitam de orientação para o autocuidado. A pesquisa em andamento versa sobre a percepção que o cliente tem do cuidado recebido, sendo utilizada uma abordagem fenomenológica para conduzir a investigação. A partir do convite destas professoras, cinco enfermeiras do serviço se interessaram pelo tema e se integraram ao projeto de pesquisa.

A maior parte do grupo não tinha familiaridade com a pesquisa qualitativa. Em função disso, organizamos um grupo de estudos, abordando diferenças entre os paradigmas quantitativo e qualitativo, características e tipos de pesquisa qualitativa, procurando aprofundar o estudo da Fenomenologia. Esta oportunidade foi de fundamental importância para que pudéssemos ter segurança e conhecimento necessários para o desenvolvimento do projeto. Conseguimos nos estruturar como grupo, redimindo medos e inibições que tão freqüentemente fazem parte do padrão de enfermeiras assistenciais, que nem sempre têm oportunidade de participar deste tipo de trabalho, ainda mais em se tratando de pesquisa qualitativa.

Iniciamos as reuniões para estudar e preparar os seminários e quando o projeto foi aprovado, tanto pelo CNPq como pelo Grupo de Pesquisa e Pós-Graduação (GPPG) do HCPA, já havíamos alcançado um conhecimento e integração que nos permitiu agilizar o início do estudo piloto.

O estudo piloto foi bastante positivo. Nesta fase, cada participante realizou uma entrevista com clientes do Programa de Enfermagem em Saúde do Adulto. Com as entrevistas analisamos a adequação das perguntas formuladas, verificando se as mesmas respondiam às questões de pesquisa. Assim, experienciamos uma atividade concreta de pesquisa fenomenológica, e a partir disto observamos quais as enfermeiras que tinham maior habilidade para a coleta de dados.

Atualmente estamos terminando as entrevistas com os clientes e iniciaremos a análise dos dados. Esta atividade oportunizou nossa integração com professoras que têm campo de estágio em nosso serviço, permitindo, entre outras, a discussão de

condutas, manejos e novas aprendizagens durante a realização do trabalho. Como coloca Padilha (1991, p.35), "a IDA favorece a troca de conhecimentos, bem como a atualização constante na área de domínio específico", e uma das formas que temos para isto é a pesquisa.

Temos percebido que habitualmente se coloca em prática a IDA com ênfase em atividades de ensino/assistência, beneficiando, principalmente, o saber fazer do professor e do aluno. Por outro lado, pensamos que a pesquisa deve ser mais valorizada e oportunizada como uma atividade de integração, pois ao ser colocada em prática proporciona o desenvolvimento do saber fazer para todos os envolvidos, permitindo a análise e modificação da prática.

A pesquisa proporcionou também experienciarmos a pesquisa qualitativa, bem como um aprendizado específico sobre fenomenologia. Com certeza, ao término desta, teremos mais subsídios para avaliar as necessidades da clientela atendida e, através disto, modificar/qualificar nossa prática.

É necessário destacar que o desenvolvimento deste trabalho foi possível de ser colocado em prática em função do incentivo da chefia de serviço. Esta chefia nos permitiu realizar os grupos de estudo e as atividades de pesquisa em horário de trabalho, acreditando que este tipo de atividade tem reflexo direto na qualidade do cuidado prestado.

*"...somente a capacidade das enfermeiras na aplicação de métodos científicos e a aproximação das enfermeiras assistenciais com as enfermeiras de ensino não são suficientes para o desenvolvimento de investigações científicas. Há a necessidade dos serviços de saúde oferecerem condições para que os processos de pesquisa possam ser desenvolvidos."*

(Castilho, 1993, p.197.)

## FINALIZANDO

Nossa experiência foi direcionada para uma área específica onde a IDA pode ocorrer, ou seja, a partir da atividade de pesquisa. Divulgamos nossa vivência, impressões e reflexões para que sirvam de estímulo aos profissionais das instituições de ensino e saúde.

A IDA, apesar de discutida há algumas décadas, ainda é uma proposta operacionalizada de

forma parcial. Sabemos que ela atinge a área de ensino, assistência e pesquisa e pode se dar em vários níveis. Nosso trabalho não foge a esta regra ao centrar-se na área de pesquisa e não envolver alunos. Seu valor consiste em ter sido desenvolvido numa área onde existem poucos relatos de articulação entre professores e enfermeiros, trabalhando com pesquisa centrada na realidade de atuação de ambos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Ensino Superior. *Programa de Integração Docente-Assistencial - IDA*. Brasília: MEC-SESU-CCS, 1981. 32p. (Caderno de Ciências da Saúde, n.3.)
- CASTILHO, V. A. Implementação de um programa de pesquisa em um serviço de enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v.27, n.1, p.197-198, abr. 1993.
- DUARTE, N. M. N. et al. Integração docente-assistencial entre uma instituição de ensino e um hospital de ensino de Porto Alegre: experiência de um grupo de trabalho. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v.11, n.2, p.52-58, jul. 1990.
- \_\_\_\_\_. Propostas de integração entre a Escola de Enfermagem da UFRGS e o Hospital de Clínicas de Porto Alegre. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v.14, n.1, p. 81-93, jul. 1993.
- ERDMANN, A. et al. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENFERMEIROS DE HOSPITAIS DE ENSINO, 5, 1987, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 1987. p.124-169.
- LAGANÁ, M. T. C. Integração docente-assistencial. *Enfoque*, v. 14, n. 1, p.12-15, set. 1986.
- OLIVEIRA, C. Modelos de integração docente assistencial. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENFERMEIROS DE HOSPITAIS DE ENSINO, 5, 1987. Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 1987. p.101-115.
- PADILHA, M. I. Análise crítica das causas de integração e/ou desintegração docente-assistencial na enfermagem. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v.12, n.1, p. 33-37, jan. 1991.
- RODRIGUES, M. A. Integração docente-assistencial: abordagem conceitual. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v.27, n.1, p.15-24, abr. 1993.
- SOFIA, M. H. et al. Integração docente-assistencial em enfermagem: experiência do Hospital Universitário e Escola de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENFERMEIROS DE HOSPITAIS DE ENSINO, 5, 1987, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 1987. p.233-263.

Endereço da autora: Angela Tasca  
Authors' address: Rua Ramiro Barcelos, 2350  
90035-003 - Porto Alegre - RS

## ABSTRACT

*This article reports the integration experience between registered nurses and nurse educators in a teaching hospital. The study is a research with focus on the care significance to adult clients in a outpatient unit.*

**KEY WORDS:** *teaching-assistance integration; research.*

## RESUMEN

*El presente artículo trata de la experiencia de la integración entre enfermeros asistenciales y enfermeros docentes, a través de la investigación, abordando el significado del cuidado para clientes adultos en calidad de consulta en un hospital escuela.*

**UNITERMOS:** *integración docente-asistencial; investigación.*

---